

NEUROSE OBSESSIVA: CONSTITUIÇÃO E MODOS DE DEFESA CONTRA O DESEJO

OBSESSIVE NEUROSIS: CONSTITUTION AND WAYS OF DEFENSE AGAINST DESIRE

Bianca de Almeida Peres¹

RESUMO

O presente trabalho pretende a partir da escuta clínica e das questões que dela nos retornaram, investigar o modo de constituição da neurose obsessiva privilegiando demarcar a posição do sujeito obsessivo frente ao desejo. A fim de atingir o propósito deste trabalho, percorreremos textos freudianos, buscando nos comentários de Lacan elucidar a estruturação dessa neurose, evidenciando os momentos de impasses e os avanços que deles resultaram. A concepção inicial sobre a escolha da neurose obsessiva emerge de uma experiência sexual traumática vivida ativamente e com prazer. Para contemplar os avanços teóricos de Freud, recorreremos ao paradigmático caso do Homem dos Ratos (1909), para esclarecer variados aspectos da teoria: o lugar das primeiras experiências sexuais infantis, seus modos de defesa quanto ao trauma, a ambivalência entre amor e ódio, o medo no lugar do desejo. Considerando a erotização do pensamento, uma das mais evidentes características da neurose obsessiva, buscamos compreendê-la no âmbito da segunda tópica, com a entrada da pulsão de morte na teoria. A partir desse conceito, privilegiamos as reformulações freudianas quanto aos sintomas obsessivos, cujos fundamentos encontram-se na agressividade e destrutividade do desejo, como decorrência da desfusão pulsional e da severidade do supereu em sua incidência sobre o *eu*. Procuramos apontar que, em consequência dessas reformulações, o sujeito assume uma posição obsessiva frente ao desejo, implicando sua evitação e destruição, além da agressividade frequentemente presente em suas manifestações.

Palavras-chave: Neurose obsessiva. Desejo. Psicanálise.

¹Especialista em Filosofia e Psicanálise (UFES). Graduada em Psicologia (UFF). Professora da Multivix Castelo e Multivix Cachoeiro de Itapemirim. Coordenadora de Psicologia Multivix Castelo.

ABSTRACT

The present work intends from the clinical listening and the questions that have returned us to investigate the way of constitution of the obsessional neurosis privileging to demarcate the position of the obsessive subject before the desire. In order to achieve the purpose of this work, we will go through Freudian texts, seeking in the comments of Lacan to elucidate the structure of this neurosis, evidencing the moments of impasses and the advances that resulted from them. The initial conception on the choice of obsessional neurosis emerges from a traumatic sexual experience lived actively and with pleasure. In order to contemplate Freud's theoretical advances, we turn to the paradigmatic case of Man of the Rats (1909), to clarify various aspects of the theory: the place of the first infantile sexual experiences, their ways of defense as to trauma, the ambivalence between love and hate, fear instead of desire. Considering the eroticization of thought, one of the most obvious features of obsessional neurosis, we sought to understand it within the second topic, with the entrance of the death drive into theory. From this concept, we favor Freudian reformulations regarding obsessive symptoms, whose foundations lie in the aggressiveness and destructiveness of desire, as a result of the drive's defusion and the severity of the superego in its incidence on the self. We try to point out that, as a consequence of these reformulations, the subject assumes an obsessive position on the desire, implying its avoidance and destruction, besides the aggressiveness often present in its manifestations.

Keywords: Obsessional neurosis, Desire, Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

O tema proposto neste artigo surge da experiência com a clínica psicológica, embasada na teoria psicanalítica, a partir de atendimentos realizados. A presença de alguns casos dentro dos atendimentos nos traz muitos questionamentos, pelo modo peculiar com que se manifestam e pelos mecanismos nele presentes, cujos aspectos evidenciam certo modo de os sujeitos de se defrontarem com seu desejo pela sua evitação. O que poderia tornar as coisas tão complicadas para este sujeito no campo amoroso? Por que é tão difícil decidir? O que faz obstáculo às suas ações?

Com o decorrer da experiência clínica e da pesquisa bibliográfica realizada concomitantemente, pode-se perceber e compreender a articulação entre a teoria e a

prática. Foram as falas dos pacientes, ao longo dos atendimentos, que davam as indicações do que seria importante estudar e possibilitavam a construção das ideias que comporiam a linha de trabalho e o caminho a ser seguido neste trabalho.

A busca por uma melhor compreensão da hipótese diagnóstica permitiu uma investigação sobre as diferenças entre a histeria e a neurose obsessiva, para alcançar um maior entendimento dos mecanismos de estruturação de cada uma dessas neuroses. Já tendo algum conhecimento prévio sobre os modos de defesa histórica, foram surgindo outras perguntas sobre a especificidade das defesas na neurose obsessiva. A inibição de suas ações seria um modo de paralisar suas decisões? Por que o sujeito se martirizava tanto quando estava às voltas com algum desejo? Aos poucos, a questão do desejo e interesse de apreender sua ligação com a neurose obsessiva, foi se constituindo como uma das direções na orientação de nossos estudos.

Pretende-se com essa pesquisa, buscar responder no que consiste a estruturação da neurose obsessiva e, ao lado disso, pensar porque um sujeito em posição obsessiva mostra tanta dificuldade frente ao desejo, implicando sua evitação e destruição, além da agressividade frequentemente presente em suas manifestações. Isso nos leva a ir na direção de enfrentar conceitos mais complexos como o da pulsão de morte e a questão da defusão pulsional a ela relacionada, colocando-nos frente a frente com conceitos de suma importância para a prática clínica em geral.

2 CONSTITUIÇÃO DA NEUROSE OBSESSIVA EM FREUD: PRIMEIROS CONTORNOS

Em seus primeiros escritos, mesmo que ainda estivesse debruçado sobre os estudos considerados pré-psicanalíticos, Freud já demonstrava seu interesse quanto ao problema das neuroses. Tendo em vista que inicialmente o campo de onde se originou mais estudos sobre a obsessão foi o da psiquiatria, seu quadro clínico foi denominado primeiramente com o termo genérico *obsessão*. Em uma análise, Roudinesco e Plon (1998) comentam que o termo *obsessão* foi introduzido pelo alienista francês Jules Falret, para explicar o fenômeno em que o sujeito é acometido por ideias patológicas, por um estado de culpa que o persegue e, por vezes, o paralisa.

Em seus primeiros escritos, Freud (1894; 1895; 1896/2006) demonstrava seu interesse quanto ao problema das neuroses e de seus modos de defesa. No artigo sobre *As Neuropsicoses de Defesa* (FREUD, 1894), o termo alemão *Zwangneurose* é empregado pela primeira vez: “Fui obrigado a começar meu trabalho por uma inovação nosográfica. Julguei razoável dispor ao lado da histeria a neurose obsessiva (*Zwangneurose*), como um distúrbio autossuficiente e independente. ” (FREUD, 1894/2006 p.146). Nesse texto, notamos que Freud está menos voltado para distinguir a histeria da neurose obsessiva, e mais impelido em realçar algo que permanece comum às duas manifestações neuróticas, que seria o caráter de defesa em ambas contra um desprazer despertado pela lembrança das experiências sexuais. Freud em 1896 na carta 52, afirma que:

Um evento sexual de uma dada fase atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, é a *natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior* (FREUD, 1896/2006, p.290, grifo do autor).

Tanto o trabalho da neurose obsessiva, quanto o da histeria consiste em transformar a lembrança traumática em uma representação enfraquecida, orientando-a para outros fins. Os casos de neurose obsessiva que foram analisados por ele, apresentavam um afeto aflitivo e intolerável ligado a alguma representação da vida sexual do sujeito. Esta, ao ser recalcada, deslocava-se para outra representação distante e nela ficava fixada, e como resultado dessa “falsa ligação” surgiria com vigor uma outra ideia, que se tornaria obsessiva e dominaria os processos mentais da neurose obsessiva. Esse *deslocamento* é considerado um mecanismo privilegiado dos processos mentais da neurose obsessiva (FREUD, 1907). O deslocamento psíquico ao lado da condensação são mecanismos que atuam na elaboração onírica e foram descritos por Freud, quando estudava sobre os sonhos (FREUD, 1900).

No artigo *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa* (1896), Freud avança ao proceder a uma investigação mais detalhada sobre o modo pelo qual a sexualidade se torna um afeto aflitivo e sobre as defesas que se erguem contra esse afeto. É através da teoria de sedução², vigente nessa época, que Freud explica sua

² A teoria de sedução criada por Freud liga-se à teoria do trauma, na medida em que sustenta-se a ideia de que o neurótico, em sua infância, teria sido vítima de uma sedução sexual real e a lembrança

consideração de que as neuroses estariam ligadas a uma sedução na infância, por parte do adulto. Tanto a histeria quanto as obsessões teriam origem em um processo etiológico comum, a não ser por uma diferença: enquanto a histeria – frequente no sexo feminino – se caracterizaria por um evento em que o sujeito era submetido a um ato sexual passivo, a neurose obsessiva – com preferência pelo sexo masculino – relacionava-se a um ato sexual ativo e prazeroso.

2.1 Homem dos Ratos: “O” Caso

Vai surgindo nesses primeiros contornos uma neurose singular, considerada anos depois, o tema “mais interessante e compensador da pesquisa psicanalítica” (FREUD, 1926/2006, p.116). Como toda e qualquer neurose, ela sofre os efeitos do recalque dos eventos traumáticos em função da sexualidade, mas, seus modos de defesa são peculiares. Da correspondência a Fliess, até o acompanhamento clínico do Homem dos Ratos (1909), a etiologia da neurose obsessiva girava em torno do prazer experimentado no encontro com o sexo ainda na infância. Da atividade sexual precoce, resulta marcas de um prazer excessivo ligado às experiências que, ao serem recordadas trazem como lembrança sentimentos de recriminação e escrúpulo.

Além disso, nesses primeiros contornos, já estão apontados aspectos importantes da organização obsessiva, tais como: o funcionamento mental baseado em defesa, seguida de falha da defesa com o retorno do recalcado; e o surgimento de sintomas como medidas protetoras construídas pelo sujeito. Foi seguindo essa linha de investigação que Freud cria, então, um “novo lugar” para a neurose obsessiva (COPPUS, 2010).

deste fato poderia tornar-se traumática. Prevalece na temporalidade do trauma, a lógica da retroação, no sentido que o recalque da experiência se dá só depois, no momento em que sua lembrança desperta prazer. Nas palavras de Freud: “O material ainda escasso dessa ocasião me havia trazido, por força do acaso, um número desproporcionalmente grande de casos em que a sedução por algum adulto ou por crianças mais velhas desempenhara o papel principal na história infantil do doente. Superestimei a frequência desses acontecimentos (aliás impossíveis de pôr em dúvida), ainda mais que, naquele tempo, não era capaz de estabelecer com segurança a distinção entre as ilusões de memória dos histéricos sobre sua infância e os vestígios de eventos reais. Desde então, aprendi a decifrar muitas fantasias de sedução como tentativas de rechaçar lembranças da atividade sexual do próprio indivíduo (masturbação infantil). Esclarecido esse ponto, caiu por terra a insistência no elemento “traumático” presente nas vivências sexuais infantis, restando o entendimento de que a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade” (FREUD, 1906/2006, p.260-261).

Dentro deste novo lugar, destacamos neste momento o paradigmático caso freudiano sobre a neurose obsessiva “O Homem dos Ratos”, escrito em 1909 no texto nomeado *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*. O paciente era um jovem em formação universitária, que apresentava obsessões desde a infância. O que impulsionou o início de sua análise foi a forte impressão e angústia causada no sujeito pela escuta da narração de um tipo de suplício provocado pela penetração de ratos no ânus de um condenado. Suas principais queixas eram o medo de que algo de ruim acontecesse ao pai e a uma dama por quem sentia um afeto especial, além de relatar ser acometido por impulsos compulsivos para compreender as coisas e para se proteger. O paciente sentia-se incapacitado pelo trabalho e adiou por anos a conclusão de seu curso. A questão principal sobre o qual o tratamento se dirigiu foi quanto à inibição por ele apresentada naquela época.

De acordo com o relato de Freud, a ambivalência esteve presente na vida do paciente desde quando ele era criança, e quando sua neurose tivera início. Ernst Lehrs – nome do paciente deste caso – já começa a relatar, desde a primeira vez, sobre suas excitações sexuais infantis remontadas à idade de quatro ou cinco anos, referidas a toques em uma das governantas da casa e às percepções que teve de que ela possuía órgãos genitais curiosos.

As suas lembranças remontam à infância e são nítidas: “Eu sofria de ereções” (FREUD, 1909/2006, p.146), dizia ele. Ele temia que ao pensar nessas fantasias sexuais, poderia ocasionar a morte de seu pai, e por isso tentava impedir a ocorrência desses pensamentos. Tinha a convicção de que seus pais conheciam esses seus pensamentos, demonstrando a crença na onipotência dos mesmos. Momentos que ao lado de um desejo erótico se contrapunha compulsivamente a um medo, um afeto aflitivo.

Na segunda sessão, constatou-se o aparecimento do sintoma obsessivo tal como fora desencadeado na idade adulta. Ernst relata a Freud o acontecimento que ele acreditava ser o motivo que o levou a procurá-lo. Na verdade, foram dois acontecimentos que se produziram neste contexto: no primeiro, ele perderá seu *pince-nez* durante uma manobra militar e telegrafara ao seu óptico em

Viena, para que ele lhe enviase um substituto; no segundo, encontrara o “cruel capitão” (FREUD, 1909/2006, p.154), denominação dada a um de seus superiores, por ter sido quem lhe tinha contado sobre a forma de tortura oriental feita com ratos. No seguimento do caso, ocorreram algumas sessões sobre o pai, morto desde que o paciente era mais jovem. Após a morte deste ele é invadido por um sentimento de descrença que o faz remontar às imagens de quando seu pai ainda estava vivo. Freud encontrou aí um anseio infantil: o desejo do paciente que o pai morresse. Contudo, o Homem dos Ratos lança sua defesa ao afirmar que adorava seu pai e o amava acima de tudo. Freud lhe diz então, que esse amor tão intenso era decorrente de um recalque de ódio, cuja fonte residia nos desejos sexuais infantis contrariados pelo pai.

Lacan, ao analisar esse caso em uma conferência intitulada *O Mito individual do neurótico* (1953), diz que a raiz e a estrutura dessa neurose estão na tensão agressiva e na fixação pulsional. Esclarece que a fantasia do suplício que ao mesmo tempo aprisiona o sujeito, mas também o fascina, não é o que “desencadeia sua neurose, mas atualiza lhe os temas e suscita a angústia” (LACAN, 1953/1987, p.11), e foi isso que o levou a procurar o tratamento. A história dessa neurose reporta-se à pré-história do sujeito. A trama que envolveu o casamento de seus pais ressoa na história de sua neurose, “incidindo no último estado de desenvolvimento de sua grande apreensão obsedante” (LACAN, 1953/1987, p.12), na extrema angústia que desencadeou sua crise.

Mas, afinal, o que faz o paciente adoecer? Inicialmente poderia parecer que fora a narração do suplício causado pelos ratos, contudo, no decorrer do caso, percebemos que ele adoeceu quando se viu obrigado a casar com uma mulher que não era aquela que ele amava. A neurose deu-lhe meios de evitar a decisão desse conflito. Esse dilema não era propriamente um dilema seu. O que acaba ocorrendo neste caso é que a história do paciente, de modo particular, datada desde antes de seu nascimento, e envolvendo seu pai, acaba por influenciar de alguma forma sua constituição. A isto, Lacan chamou “o mito individual do neurótico” (LACAN, 1953/1987, p.13).

São as situações circulares característica do obsessivo, que o move em direção ao desejo, mas são também aquelas que escondem o desejo. É deste modo, que o obsessivo se lança ao desafio da busca impossível por seu desejo. Ou seja, enquanto

o obsessivo está neste modo de circulação e repetição, é a evitação do desejo que estará em jogo. Uma das consequências que se pode aprender desse conflito é a incapacidade de decisão, que deixa o obsessivo no campo da dúvida e paralisa seu pensamento. Lacan segue esta linha de pensamento ao afirmar que, “o que tem que ser mantido pelo obsessivo é a distância de seu desejo, e não a distância do objeto” (1957-58/1999, p.479). O amor e o ódio dirigido ao mesmo objeto impedem a escolha do desejo, e conseqüentemente, impossibilita a ação.

Se um amor intenso se opõe um ódio de força quase equivalente e que, ao mesmo tempo, esteja inseparavelmente vinculado a ele, as consequências imediatas serão certamente uma paralisia parcial da vontade e uma incapacidade de se chegar a uma decisão a respeito de qualquer uma das ações para as quais o amor deve suprir a força motivadora (FREUD, 1909/2006, p.208).

Esse caso da clínica freudiana é considerado modelo, justamente por ser cheio de riquezas em relação à descrição de como se dá a dinâmica da constituição do sofrimento, presente nos sintomas obsessivos. Contudo, ao seguir os escritos freudianos, podemos perceber que o autor não demorou a abandonar a teoria das seduções como causa das neuroses. Segundo as afirmações de Roudinesco e Plon (1998, p. 539), depois de um primeiro tempo em que esteve às voltas com a etiologia e a causação das neuroses, e também das diferenças entre elas, passaram-se longos anos até Freud se voltar a debruçar com mais interesse sobre a neurose obsessiva. Isso se deu com os encontros realizados na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras³, quando das discussões do acompanhamento do tratamento de um caso clínico – especificamente do *Homem dos Ratos* – surgiram textos importantes sobre essa temática, como é o caso de *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (FREUD, 1907).

³ Verdadeiro banquete socrático, banhado pelo espírito vienense no início do século, a Sociedade das Quartas-feiras foi um laboratório de ideias freudianas. Entre 1902 e 1907, homens vindos de diversos horizontes reuniram-se em torno de um mestre, na casa dele na rua Berggasse, com único objetivo de ter suas consciências despertadas à luz da suprema inteligência daquele que inventara uma nova doutrina: a psicanálise. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.719).

2.2 As Defesas da Neurose Obsessiva e a Destrutividade do Supereu

O referido texto gira em torno da proximidade sugerida entre os atos obsessivos e as práticas religiosas através das quais, os crentes expressam sua devoção. A semelhança entre esses dois campos pode ser encontrada nas manifestações em que há um excesso de escrúpulos e na existência de uma forte consciência moral. A diferença entre elas estaria no caráter privado dos primeiros, em oposição ao caráter público das segundas. Mas há outra diferença a acentuar: ao contrário do simbolismo próprio dos cerimoniais religiosos, na neurose obsessiva – “parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular” (FREUD, 1907/2006, p.111) –, os rituais se impõem em caráter obrigatório e parecem, à primeira vista, meras formalidades destituídas de sentido “ou, pelo menos, do sentido principal” (FREUD, 1907/2006, p.113). Os cerimoniais obsessivos são executados como se o sujeito tivesse que obedecer a certas leis secretas que não podem ser desrespeitadas, pois sua renúncia causaria angústia.

A neurose obsessiva é então considerada por Freud como “o correlato patológico da formação de uma religião”. Ele qualifica a neurose como “uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal” (FREUD, 1907/2006, p.116). A formulação freudiana nesse momento aponta que a renúncia pulsional é o que há de mais próximo entre elas: na religião, renuncia-se aos impulsos pulsionais, na neurose obsessiva faz-se o recalque de um impulso pulsional. O processo de recalque é ameaçado pelo fracasso, que faz com que, os impulsos hostis se mesquem às pulsões sexuais. Esse aspecto se tornará mais esclarecido quando os conceitos de pulsões de morte e de vida forem introduzidos na psicanálise.

Influência do instinto reprimido é sentida como uma tentação, e durante o próprio processo de repressão gera-se a ansiedade que adquire controle sobre o futuro, sob a forma de ansiedade *expectante*. O processo de repressão que acarreta a neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob a ameaça de um fracasso. Podemos, pois, compará-lo a um conflito interminável. (FREUD, 1907/2006, p.114, grifo do autor).

Com o recalque, nasce uma escrupulosidade dirigida à meta da pulsão – que é a de encontrar satisfação – e cria-se uma “consciência especial” (FREUD, 1907/2006, p.114, grifo do autor), “um sentimento de culpa do qual, entretanto, [o sujeito] nada

sabe, de modo que podemos denominá-lo de *sentimento inconsciente de culpa*, apesar da aparente contradição dos termos” (FREUD, 1907/2006, p.113, grifo nosso). A partir deste sentimento de culpa, originado em processos anímicos precoces e permanentemente reavivados, os rituais e os cerimoniais obsessivos surgem como proteção contra a punição esperada.

Freud explica que, quando o sujeito é tomado por uma expectativa de punição, instaura-se uma autopunição proveniente de uma medida de proteção contra a pulsão recalçada, pois a possibilidade de retorno dessa pulsão é vivida pelo obsessivo de modo ambíguo, quer dizer, como uma tentação que ao mesmo tempo gera medo e angústia. Interessa aqui notar que o resultado da defesa contra a pulsão, mostra seu avesso ao tornar o sintoma a fonte principal de satisfação. Enquanto isso, as ações obsessivas visam cancelar as restrições e as renúncias impostas pelo recalque, realizando-se sob a forma de cerimoniais. Freud diz que essas ações, que originalmente objetivavam preparar a defesa, se aproximam cada vez mais das ações proibidas, e apresentam um caráter compulsivo de natureza de penitência e purificação.

Lembramos que a base da religião é também a renúncia das moções pulsionais através da sufocação delas. Porém essa sufocação se resulta insuficiente, uma vez que, nos fiéis, são frequentes as recaídas no pecado, ocasiões em que se fundamentam as ações expiatórias. Quanto mais o sujeito fiel procura ser perfeito, e atingir um ideal, mais ele se sente culpado. Quanto mais deseja uma ação, mais ela se torna proibida para ele.

Além desses mecanismos de defesa citados nesse artigo freudiano, o autor nos aponta, em *Caráter e Erotismo anal* (1908), três traços de caráter presentes no funcionamento obsessivo – ordem, avareza e obstinação – que são bem ligados entre si. Anos depois, os obsessivos se contentavam em reter as fezes demonstrando, nitidamente, um privilégio da erogeneidade anal. Com a entrada na puberdade, e as exigências educativas, estes sujeitos, através de sintomas primários de defesa, como a vergonha, o nojo e o asco, deixavam para trás as excitações dessa zona erógena, que se tornou conhecida pela supremacia destes traços de caráter originados a partir de formações sintomáticas.

Antes de o adulto chegar a um estado, digamos, “normal”, ele tem que passar por um desenvolvimento que nem sempre ocorre de maneira progressista. Uma parte desse desenvolvimento pode apegar-se a um estágio anterior no qual havia satisfação pulsional. Isso resulta em “pontos de fixação” (FREUD, 1913/2006, p.341), que são decisivos para a escolha da neurose e que, no caso do obsessivo, coincide com uma regressão ao nível sádico-anal: “uma vez estabelecida a organização sexual que contém disposição à neurose obsessiva, ela, depois nunca mais é completamente superada” (FREUD, 1913/2006, p.346). A neurose obsessiva remonta então a inibições e fixações muito primitivas. Para Freud, a erotização da região anal é uma forma de defesa privilegiada pelo obsessivo.

Nessa concepção, o desenvolvimento do eu seria cronologicamente anterior ao da libido, na disposição da neurose obsessiva que “só é completa se a fase de desenvolvimento do ego em que a fixação ocorre é levada em consideração” (FREUD, 1913/2006, p.348). Toda essa questão ligada ao desenvolvimento do eu, levaria ao desequilíbrio da ambivalência entre ódio e amor. Segundo Freud, ódio e amor sobrepõem-se e se alternam no desenvolvimento normal da criança, mas o desequilíbrio entre eles aliado ao desenvolvimento prematuro do eu, dá margem ao surgimento de uma moral que, no final das contas, funciona como garantia do amor. Isto mantém a distância em relação à agressividade – estruturante de todo ser humano – mas que aparece excessiva no obsessivo. Como consequência, é erguida uma “supermoralidade”. Nas palavras de Freud:

Se consideramos que os neuróticos obsessivos têm de desenvolver uma supermoralidade a fim de proteger seu amor objetal da hostilidade que espreita por trás dele, ficaremos inclinados a considerar um certo grau desta precocidade de desenvolvimento do ego como típico da natureza humana e derivar a condição para origem da moralidade do fato de que, na ordem de desenvolvimento, o ódio é precursor do amor” (FREUD, 1913/2006, p.348).

Tempos mais tarde, no artigo *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), Freud nos aponta que os sintomas desenvolvidos pelo obsessivo, além de cumprirem finalidades defensivas, também proporcionam uma satisfação substitutiva. O prazer a ser combatido e do qual o sujeito se defende, aparece nos próprios dispositivos que visam combatê-lo, processo que se aproxima cada vez mais de um fracasso completo da finalidade original de defesa. Surgem novos mecanismos de defesa, embora da

mesma maneira destinados ao fracasso em função da severidade do supereu, e isto continua em um processo sem fim. Resulta daí, “um ego extremamente restringido, que fica reduzido a procurar satisfação nos sintomas” (FREUD, 1926/2006, p.120).

A partir do conflito das instâncias psíquicas – eu, supereu, isso – Freud observa a existência de duas técnicas privilegiadas presentes no funcionamento obsessivo: a anulação retroativa e o isolamento (FREUD, 1926/2006, p.121). Na anulação retroativa, o obsessivo procura desfazer o que foi feito, quer dizer, uma ação primeira é substituída ou desfeita por uma segunda. Ao procurar desfazer o que foi feito, procura-se anular o passado, torná-lo inexistente, ou seja, o sujeito repete de maneira diferente o que não aconteceu de forma desejada, fazendo-o como se não tivesse acontecido. O obsessivo tenta consertar o que julga ter acontecido de maneira errada, repetindo a ação como se ela não tivesse sido feita.

Um exemplo que podemos apresentar para esclarecer se refere à questão de alguns obsessivos, em abrirem e fecharem as portas diversas vezes. Estes atos compulsivos ocorrem em dois tempos, sendo o primeiro anulado pelo segundo. No caso do “Homem dos Ratos” o exemplo que temos, é que certa vez enquanto o paciente esperava a visita de sua amada, passeava ansioso pela estrada que levava à sua casa, quando avistou uma pedra. Temendo que a carruagem da moça pudesse bater na pedra e virar, causando sua morte, ele retirou a pedra do caminho colocando-a em outro lugar, para em seguida temer que a carruagem, tomando um desvio, fosse bater justamente na pedra colocada por ele em outro lugar. O paciente tirava e colocava a pedra diversas vezes, demonstrando que a anulação retroativa visa, em última instância, neutralizar os impulsos agressivos do sujeito. (FREUD, 1909/2006, p.167).

Quando não aconteceu na forma desejada, [a ação] é desfeita, sendo repetida de uma maneira diferente; e logo todos os motivos que existem para que se demore em tais repetições entram também em ação. À medida que a neurose continua, amiúde verificamos que o esforço em desfazer uma experiência traumática constitui um motivo de primeiríssima importância na formação dos sintomas. Assim, inesperadamente descobrimos uma nova técnica motora de defesa, ou (como podemos dizer nesse caso com menos exatidão) de repressão. (FREUD, 1926/2006, p.122)

A segunda técnica a qual Freud se refere, é a do isolamento. Diferentemente da anulação retroativa, o que ocorre no isolamento é que, ao invés de esquecer a

representação traumática convertendo-a para o somático, como na histeria, o neurótico obsessivo separa a representação do afeto, isolando-a. Ou seja, “quando algo desagradável aconteceu ao paciente ou quando ele próprio fez algo que tem significado para sua neurose, ele interpola um intervalo durante o qual nada pode acontecer” (FREUD, 1926/2006, p.122). Este comportamento, apesar de parecer estranho em um primeiro momento, tem uma nítida relação com o recalque. Enquanto na histérica a atividade sexual precoce é recalçada, e cai no esquecimento, no obsessivo é conservada na memória, mas destituída de toda e qualquer carga afetiva (Idem.).

Todos verificamos por experiência que é especialmente difícil para um neurótico obsessivo levar a efeito a regra fundamental da psicanálise. Seu ego é mais atento e faz isolamentos mais acentuados, provavelmente por causa do alto grau de tensão devido ao conflito que existe entre seu superego e seu id. Enquanto o neurótico está empenhado em pensar, seu ego tem de manter muita coisa afastada – a intrusão de fantasias inconscientes e a manifestação de tendências ambivalentes. Ele não deve relaxar, mas está constantemente preparado para uma luta. Ele fortifica essa compulsão a concentrar e a isolar mediante a ajuda dos atos mágicos de isolamento que, sob a forma de sintomas (FREUD, 1926/2006, p.123).

É imprescindível nossa compreensão destas técnicas de defesa da neurose obsessiva, para melhor manejo dentro da clínica. Como vimos no decorrer da teoria freudiana, outros modos de defesa foram acrescentados, em função da constatação de que, a instância do eu participa mais ativamente na dinâmica psíquica do sujeito. A pulsão de morte e sua relação com a destrutividade e agressividade, passa a ocupar um lugar fundamental na justificativa da manutenção do sintoma. A defusão pulsional e sua participação na severidade do superego é também considerada aqui. Mesmo no sofrimento, na repetição daquilo que vacila para o sujeito, e lhe é insuportável, podemos constatar a satisfação por trás do sintoma.

Dentro desta lógica apontamos a questão do desejo, onde Lacan ao abordar o tema do desejo na neurose obsessiva, retoma a tese de Freud de que, ao contrário da histeria, o obsessivo viveu traumas psíquicos de forma ativa e extraiu prazer deles (LACAN, 1957-58/1999, p.411). Propõe que se examine mais de perto a atividade destrutiva do obsessivo, a partir do que Freud nos ensinou sobre os “instintos de destruição” e aponta, que tal destrutividade se deve a uma defusão das intrincações precoces dos instintos de vida e de morte.

A relação do obsessivo com seu desejo está submetida a isto, que conhecemos a muito tempo graças a Freud, ou seja, o papel precoce que ele desempenhou no que é chamado de *Entbindung*, a desfusão das pulsões, o isolamento da destruição. Toda a estrutura do obsessivo é determinada, como tal, pelo fato de a primeira abordagem de seu desejo haver passado, como qualquer sujeito, pelo desejo do Outro, e de esse desejo do Outro ter sido inicialmente destruído, anulado”. (LACAN, 1957-58/1999, p.478).

Lacan se refere neste momento a algumas mudanças sofridas dentro da teoria freudiana, especificamente com a entrada da ideia de pulsão de morte. Em seu artigo *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1996) introduz, de certo modo hipotético e especulativo, o conceito de pulsão de morte no contexto da última reformulação da teoria do dualismo pulsional – elaboração que se constituiu gradativamente na obra freudiana, mas que não iremos nos aprofundar aqui por extrapolar os limites deste trabalho – representada agora pelo par, pulsão de vida e pulsão de morte. Para o que interessa à continuidade dessa pesquisa, partimos da afirmação de que, “se não quisermos abandonar a hipótese das pulsões de morte temos que supor que estão associadas, desde o início, às pulsões de vida” (FREUD, 1920/2006, p.78).

As pulsões de morte – referidas a Tânatos – têm uma tendência regressiva e conservadora e podem efetuar um trabalho destrutivo. Essa é marcada por ter um caráter conservador, e tende a restaurar o estado anterior das coisas. Em oposição às pulsões de morte, temos as pulsões de vida – chamadas também de sexuais – que tendem a produzir formas organizadas e não destrutivas. Elas também são designadas pelo termo “*Eros*” e abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas também as pulsões de autoconservação. Contudo, em relação ao tema que estamos propondo, interessa-nos entre as diversas formas de expressão pulsionais, destacar a destrutividade caracterizada pelo sadismo e masoquismo.

Em um artigo de 1923, *O Eu e o Isso*, ao retomar a questão das duas classes das pulsões, Freud afirma que, embora a pulsão de morte vise levar o ser vivo à estabilidade inorgânica, isso é relativo, já que ela não é alcançada devido à fusão pulsional. A libido, energia da pulsão sexual, ao se ligar à pulsão de morte, tem como objetivo dominá-la, torná-la menos prejudicial, desviando parte dela para fora, para os objetos do mundo externo. Esse movimento de lançar a pulsão de morte para o mundo externo seria caracterizado pelo sadismo. A parte que não é lançada para fora, e

permanece internamente, se caracteriza pelo masoquismo, em que outra pessoa é procurada como objeto para exercer esse papel de violência contra o indivíduo (FREUD, 1924).

As pulsões de morte podem ser tratadas de três formas: “Em parte são tornados inócuos por sua fusão com componentes eróticos; em parte são desviados para o mundo externo sob a forma de agressividade; enquanto que em grande parte continuam, sem dúvida, seu trabalho interno sem estorvo” (FREUD, 1923/2006, p.68). Assim, a manifestação da vida seriam as exteriorizações do conflito entre os dois tipos de pulsão. Ambas são indispensáveis, e é de suas ações conjugadas e opostas que surgem os fenômenos da vida. Como exemplo, o sadismo é uma fusão pulsional de aspirações puramente libidinais com outras puramente destrutivas.

O masoquista, para provocar o castigo da consciência moral sádica, se vê obrigado a trabalhar contra seu benefício, o que acarreta um sentimento de culpa, e a consciência moral torna-se mais severa quanto mais a pessoa se impede de agredir as outras. Vemos como exemplo, pessoas que parecem não perseguir outra coisa, a não ser se destruírem pelas escolhas e decisões que tomam em suas vidas, e podemos supor aqui uma manifestação de des fusão pulsional.

Em relação à neurose obsessiva, a questão da “des fusão pulsional e o surgimento pronunciado da pulsão de morte exigem considerações específicas de seus efeitos” (FREUD, 1923/2006, p.56), já que o traço fundamental dessa neurose é a “regressão libidinal” (Idem.). Entendemos agora, que ela só é possível se apoiada em uma des fusão pulsional, na segregação dos componentes eróticos, que no começo da fase genital tinham se somado aos investimentos destrutivos da fase sádica. Freud levanta a possibilidade de ser o inverso, ou seja, que o “avanço de uma fase anterior para a fase genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos” (FREUD, 1923/2006, p.57).

O que procuramos até aqui, foi chegar ao ponto de ter esclarecido, que a des fusão pulsional é o modo de Freud descrever as relações e a separação entre pulsões de vida e de morte. Ao discriminar o papel das pulsões, e sua des fusão na eficácia do

supereu em punir o eu, Freud nos aponta o caminho de maior entendimento da neurose obsessiva.

Na neurose obsessiva, o eu sofre os efeitos do supereu e das pulsões destrutivas, desenvolvendo formações reativas que aparecem em forma de sentimentos de escrúpulo, piedade, limpeza e culpa. Do conceito de supereu, o que nos interessa destacar é que, com ele, Freud pôde explicar a necessidade de punição correspondente à parcela de agressividade, fruto da pulsão de morte, que foi assumida por ele e dirigida ao eu.

Logo, enquanto o eu representa a realidade, o supereu se contrasta com ele por representar o mundo interno. Ao empreender o recalque, o eu procura, em obediência ao supereu, afastar as pulsões sexuais provenientes do isso. Para isto, utiliza-se de formações reativas como o nojo, o asseio e a vergonha. O supereu limita e comanda toda e qualquer ação do eu restando-lhe apenas obter satisfação por meio da doença e do sintoma, pois o sujeito se recusa a abandonar a punição do mesmo através do sofrimento. “O obsessivo digamos, tal como a histérica, necessita de um desejo insatisfeito, isto é, de um desejo para além de uma demanda. O obsessivo resolve a questão do esvaecimento de seu desejo fazendo dele um desejo proibido.” (LACAN, 1957-58/1999, p.427).

A severidade do supereu é sem dúvida implacável, mas nem sempre ocorre de maneira bem-sucedida. Quanto mais rigoroso for este supereu mais ele incidirá sobre a retirada da sexualidade. Pela grande proximidade que mantém com o isso, é permitido ao supereu utilizar toda a violência coercitiva do campo pulsional que é própria do isso. Os sintomas na neurose obsessiva, de maneira particular, deixam clara essa proximidade ao ligarem proibição e satisfação, ou em outras palavras, proibição do gozo pulsional e satisfação com a própria renúncia.

Sendo assim, na neurose obsessiva, o conflito se agrava em duas direções: as formas defensivas se tornam mais intolerantes e as forças que devem ser desviadas mais intoleráveis. O supereu comporta-se então como se conhecesse o caráter do impulso agressivo e por conta disto trata o eu de acordo com esta lógica. O eu toma para si um sentimento de culpa e arca com uma responsabilidade pela qual não pode

responder. Diante da intensa ruminação mental, repleta de dúvidas devido ao conflito que paralisa, o agir é suprimido. Mas, no seu dia-a-dia, o obsessivo parece ser uma pessoa sem maiores problemas, vivendo uma vida em que parece que vai bem. Pode apresentar-se como pessoa respeitosa, com escrúpulos, educada, mas pobre em relações. Procura viver de forma impessoal, tentando ao máximo suprimir seu desejo geralmente diluído em necessidades ou tarefas minuciosamente cumpridas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste artigo foi fruto de um percurso trilhado, em que a motivação para responder às indagações surgiu da experiência clínica que nos colocou frente a atendimentos de casos, cujo diagnóstico levou-nos à neurose obsessiva. Esse foi o ponto de partida, o de defrontar com a complexidade e a multiplicidade dos aspectos presentes nessa configuração neurótica que Freud considerou o tema mais gratificante da pesquisa psicanalítica. Por isso, utilizamos como recurso metodológico seguir o trajeto investigativo freudiano a partir da leitura cronológica de seus textos, procurando os pontos de impasses e as reformulações que proporcionaram o avanço de suas elaborações.

Inicialmente produzimos os primeiros contornos para localizar, em um Freud ainda pré-psicanalítico, as pontuações de como essa entidade clínica começou a encontrar lugar próprio na teoria das neuroses, ao se constituir diferente da histeria, base da fundação da psicanálise. Vimos Freud indicar nessa época que a problemática do obsessivo em sua relação com o desejo está relacionada a um trauma primitivo no qual ele desempenhou um papel ativo e por meio do qual obteve muito prazer. Quanto à escolha da neurose, ela se daria em função da singularidade das experiências sexuais infantis.

Todavia, um tempo depois há uma modificação dessa tese etiológica. Surge a definição de que a causa da neurose se caracteriza por uma fixação do sujeito em uma etapa de seu desenvolvimento libidinal, no lugar de um trauma sexual, são as próprias vicissitudes da sexualidade infantil que surgem como cenário para a neurose. Ao destacar essa articulação, evidencia-se uma conexão entre o caráter do sujeito e a fixação em determinada fase da sexualidade.

Na neurose obsessiva, os “conflitos intermináveis” gerados pelo recalque, já que o sujeito não pode afastar-se de seus pensamentos, e as defesas que dele surgem, obtém apenas êxito parcial, nisto ficam parecendo que os conflitos não têm fim. O sujeito cria determinadas leis, submete-se a elas, faz da sua existência rituais, e passa a seguir obedientemente seus escrúpulos. Foi o que trabalhamos em um dos textos em que Freud, em função dessas características, concebe a neurose obsessiva como uma “caricatura cômica e triste de uma religião particular”.

A situação circular, nas manifestações do Homem dos Ratos, característica do obsessivo, é aquela que o move em direção ao desejo, mas é aquela que também o esconde. É desse modo que o obsessivo se lança ao desafio da busca impossível por seu desejo. Ou seja, enquanto o obsessivo está neste modo de circulação e repetição, é a evitação do desejo o que está em jogo. Uma das consequências que se pode apreender é a sua incapacidade de decisão, que o deixa no campo da dúvida e paralisa seu pensamento.

Sabemos que, para se defender e evitar o desejo, alguns mecanismos característicos são utilizados: formação reativa, deslocamento, anulação e isolamento. Estes mecanismos de defesa criam impedimentos no contato com o objeto de desejo, restringem as ações, e por consequência, criam impossibilidades de satisfação.

Em suma, em nossas considerações finais, é importante ressaltar que cumprir o caminho explicativo de algumas de nossas questões deixa a convicção de que foi um esforço de valor para o caminho que ainda pretende-se percorrer. O aprendizado obtido e a visão que adquirimos sobre os casos clínicos, pontapé inicial para a realização deste trabalho, não só responderam muitas das indagações, mas, sobretudo, suscitaram outras. Ao longo desse percurso, procurou-se adotar uma posição distante daquela de um “um modelo obsessivo”, de certa relação com o saber. Não se quis tudo compreender, nem assumir uma posição de quem pretende tudo saber, e ter uma resposta. O caminho fora traçado na medida em que as questões foram se apresentando. E agora, no “*só-depois*”, percebemos que muitas delas, já se fazem presentes no desejo de continuar.

4 REFERÊNCIAS

COPPUS, A. **O corpo nas neuroses: Inibição, Sintoma e Angústia**. 2010. 202f. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ, 2010.

FREUD, S. (1894). **As neuropsicoses de defesa**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. III, p. 51 a 74. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1896). **Carta 52**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. I, p. 287-293. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1896a). **A hereditariedade e a etiologia das neuroses**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. III, p. 141-158. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1896b). **Observações Adicionais sobre as neuropsicoses de defesa**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. III p.159-186. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1900). **A Interpretação dos Sonhos**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. IV p.305-335. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1906). **Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. VII, p.255-265. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1907). **Atos Obsessivos e práticas religiosas**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. IX, p.107-120. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1908). **Caráter e Erotismo Anal. Obras Completas**. Edição Standard Brasileira, Vol. IX, p.155-164. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1909). **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. X, p.137-276. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1913). **Totem e Tabu**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. XIII. p. 131-168. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1920). **Além do princípio do prazer**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. XVIII, p. 13-156. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1923). **O Ego e o Id**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. XIX, p. 15-82. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1924). **O Problema Econômico do Masoquismo**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. XIX, p. 176-190. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____. (1926). **Inibições, Sintomas e Ansiedade**. Obras Completas. Edição Standard Brasileira, Vol. XX, p. 81-174. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

LACAN, J. 1999. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. 1953. **O Mito Individual do Neurótico** In: **Falo- Revista Brasileira do Campos Freudiano**. Rio de Janeiro: n.1, 9-19, Junho/1987.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 3 ed.

ROUDINESCO, E e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.